



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11355 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

PROTAGONISMO FEMININO NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA: MODOS DE VIDA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ (FLONA)

Marcela da Silva Barbosa - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PROTAGONISMO FEMININO NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA: MODOS DE VIDA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DA FLORESTA NACIONAL DE TEFÉ (FLONA)

INTRODUÇÃO

O Pensamento patriarcal e machista presente no atual cenário social brasileiro tem relegado as mulheres a um papel secundário e sem importância “um lugar de segunda ordem” como aponta Simone Beauvior. (1960). Desse modo, a trajetória das mulheres é marcada por uma constante e incansável luta pelos seus direitos e pelo exercício pleno de sua cidadania em todos os espaços e dimensões sociais os quais estão inseridas. Na Amazônia, a luta das mulheres não tem sido diferente. Essa cultura machista insiste em condicionar as mulheres ao âmbito do lar e da roça.

No entanto, as mulheres da floresta têm resistido e protagonizado lutas pelo direito de participar. As mulheres da Floresta Nacional de Tefé, na região do Médio Solimões, são exemplos de resistência, emancipação e protagonismo feminino em meio à floresta, aos rios e às beiras. Por meio de um intenso trabalho de formação e educação, elas têm discutido pelo direito de participar nos espaços que considera importantes da comunidade.

O objetivo deste trabalho é analisar através da pesquisa participante como se deu o processo de organização comunitária das mulheres da floresta nacional de Tefé a partir de histórias de vida e da análise de fotografias. Para alcançar esse objetivo geral propomos algumas questões específicas. Primeiramente, retomaremos a história da Floresta Nacional de Tefé (FLONA), desde os momentos de sua organização inicial através de documentações existentes no ICMbio (Atas, fotografias...).

METODOLOGIA

O caminho metodológico desta pesquisa se dará através de entrevistas, serão 5 (cinco) mulheres residentes nas diversas comunidades da Flona organizando suas histórias de vida. E por fim faremos análises envolvendo documentos pesquisados, histórias de vida e as fotografias. O processo de empoderamento e participação das mulheres na história do Brasil tem contribuição direta da educação feminista e popular. Nesse sentido, também propomos analisar que de forma a educação feminista e popular enquanto conceito teórico poderá contribuir para a análises da organização das mulheres da FLONA.

No processo da técnica da história de vida, as mulheres são coparticipantes da pesquisa. Já a fotografia será um instrumento que enriquece a história de vida, pois, a fotografia assim como a técnica da história de vida. Através dela vamos voltar o olhar para essas mulheres, para analisar os contextos sociais e para contar suas histórias e sua organização.

Em sua estrutura, este presente trabalho está organizado em dois subtópicos. No primeiro, tratamos da localização geográfica da Floresta Nacional de Tefé, bem como dos aspectos socioculturais dessa unidade de conservação. No segundo subtópico, apresentamos os modos de vida, a organização, como também a luta das mulheres da Flona pelo direito de participar e garantir cidadania em meio ao ambiente comunitário.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

1. A Floresta Nacional de Tefé: um recorte da imensa sociobiodiversidade que caracteriza a Amazônia do Brasil

O ponto de partida para o estudo sobre as mulheres da Floresta Nacional de Tefé é a compreensão do lugar. Quando nos referirmos ao lugar – e, nesse caso, à morada das mulheres da Flona –, não estamos nos reportando somente a uma dimensão geográfica, ou seja, no sentido da localização. Esse movimento é para situarmos de quais mulheres estamos nos referenciando.

Desse modo, a Floresta Nacional de Tefé é o lugar onde as pessoas estabelecem relações de reciprocidade e respeito não somente entre si, mas também com o ambiente que as cerca, ou seja, como os rios, lagos, igarapés, furos, matas e animais. É uma relação de respeito e cuidado que contribui não somente com a manutenção da vida dos homens e mulheres da floresta, mas também com a preservação da própria natureza e as suas diversas formas de vida.

De acordo com Machado (2013), a Floresta Nacional de Tefé (Flona) é uma área de unidade de conservação de uso (UC) sustentável, criada no dia 10 de abril de 1989 através do Decreto nº. 97.629, e localizada na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas.

Ao todo, sua população contabiliza mais de 94 mil habitantes, 41,95% dos quais residindo em comunidades no campo na Amazônia. As mulheres agroextrativistas das comunidades estão divididas entre os municípios de Tefé, Alvarães, Carauari, Juruá e Uarini, todos situados no estado do Amazonas.

Ainda de acordo com Machado (2013), essa UC apresenta comunidades tradicionais em seu interior e no entorno, que têm por fonte de subsistência, principalmente, a agricultura familiar agroextrativista, com destaque para a produção de mandioca e a comercialização de farinha.

As mulheres da Floresta Nacional de Tefé exercem uma ação para a manutenção das comunidades que fazem parte dessa unidade de conservação. De acordo com Machado (2013), é o trabalho desses povos, especificamente dessas mulheres, que sustenta a riqueza sócio-histórica da região. Esse aspecto, bem como as lutas e os modos de vida das mulheres da Floresta Nacional de Tefé, será objeto de nossas discussões no próximo subtópico.

1.2. Da cozinha para a ponta do leme: luta, organização e modos de vida das mulheres da Floresta Nacional de Tefé (Flona)

É um modo de viver dos povos da floresta a relação de cuidado e respeito para com a natureza existente. Os caboclos e as caboclas necessitam dos rios, dos lagos, dos igarapés, das matas e dos animais para a sua sobrevivência, como diz “o termo *povos da floresta* remonta à segunda metade do século XIX e remete ao processo de resistência empreendido pelos extrativistas da Amazônia ocidental em defesa de suas terras e condições de reprodução social” (MACHADO, 2013, p. 63), que remete a essa interação mútua, entre a floresta-rios-comunidade. Essa relação é diferente da relação capitalista que explora os recursos naturais de maneira desumana e destrutiva, os homens e mulheres da Amazônia utilizam os produtos vindos da floresta de maneira sustentável, porque compreendem a importância que a floresta e os rios têm em suas vidas. Mais do que um elemento material, eles a concebem como uma entidade espiritual que precisa ser respeitada em sua sacralidade.

Os povos da floresta também estabelecem uma relação de proximidade e reciprocidade entre si que concretiza na prática a etimologia da palavra comunidade, que vem do latim *communitas* e significa o que é comum, público, geral, compartilhado por todos, ou comum a todos. Machado (2018, p. 17), ao analisar o sentido de comunidade a partir das relações dos moradores da Flona, faz as seguintes considerações:

A liberdade aqui significa que todas as pessoas poderão desfrutar do bem, a liberdade contrapõe-se à liberdade de mercado, aquela que traz um imaginário falso de conquista de segurança. Na comunidade a segurança é real e a liberdade é o que dá sentido às ações. A atividade dos seres não aparece inseparáveis de suas naturezas, os sujeitos encontram-se em uma sociedade natural, onde a cisão de interesse não aparece na produção do bem comum, há o que chamamos de identidade que não se individualiza na atividade total. Esta atividade está dividida voluntariamente o que converte para um poder comunitário, dominado pelos próprios comunitários.

As relações não somente dos moradores da Flona, mas também de outras comunidades na Amazônia, são pautadas pelo companheirismo, pela confiança, pela partilha e pela alteridade, que faz que com esses atores sociais se reconheçam ou se tratem como parentes ou “manas”. Nas comunidades amazônicas, ser parente significa não somente ter relações estabelecidas a partir de ligações consanguíneas, mas também estar ligado por proximidade, afinidade ou amizade. Hooks (2021, p.138) traz essa leitura de que a composição da humanidade nas comunidades é baseada na confiança, e as mulheres proporcionam essa sintonia umas com as outras. Percebe-se nas observações de campo, através da lente da câmera fotográfica, essa troca de confiança, de afeto, que existe entre as mulheres nas reuniões, nos encontros e nas próprias feiras.

No entanto, o ato de se reunir em comunidade, para os moradores da Flona, bem como para outras comunidades ribeirinhas, para além do sentido afetivo, do estar próximo, carrega um sentido ou uma dimensão política. Nesse caminho da ação política, o movimento que as mulheres da Flona fazem nos encontros e nas feiras de produtos agroecológicos é base da política dos comuns (FREDERICI, 2019).

Nessa costura de relações entre as mulheres e os moradores das comunidades, as relações são mais profundas, até pelo contexto mesmo do espaço comum da comunidade, não só como espaço físico, mais de relações.

A exemplo dessas relações os *ajuris* eram e ainda são trabalhos em comum realizados por todos os comunitários. Desse modo, a derrubada para o plantio das roças, a colheita e a fabricação de farinha de mandioca, a limpeza da comunidade, bem como outras atividades, se tornava menos dispendiosas com a ajuda e a contribuição de todos.

É dentro desse contexto de luta em comum que emerge o protagonismo das mulheres na floresta, “Quase tudo na vida da floresta se constrói por meio das comunidades e de forma comunitária, inclusive a participação das mulheres. O comum é o modo de vida dessas populações, ou seja, o bem comum” (MACHADO, 2018, p. 16). De acordo com Machado

(2018), falar sobre a trajetória das mulheres brasileiras é tratar da conquista de direitos e de espaços públicos para a sua atuação. É também abordar as mudanças ocorridas na sociedade que fizeram com que a mulher deixasse de ter apenas o lar como palco de atuação e passasse a estar presente também nas escolas e nas universidades, no mercado de trabalho, nos mais variados tipos de associações e comunidades, bem como em sindicatos e órgãos públicos em geral.

Conforme nos apontou a autora, nas comunidades da Amazônia, apesar de se constatar elementos fortes de forma mais antiga de se viver em comunidade, ainda predomina o que ela denomina de *patriarcado e machismo comunitários* em baixa intensidade. Essa forma de pensamento ainda presente em muitas comunidades ribeirinhas estabelece que o lugar das mulheres não são outros senão a cozinha e a roça.

De acordo com Machado, Balbino e Oler (2021), as mulheres têm um importante papel na questão da redução do impacto da pobreza em suas famílias. Cultivam em seus quintais, hortas, canteiros, áreas manejadas, espaços provedores de possibilidades e de reprodução de experiências, um conjunto de plantas e animais que é responsável pela alimentação saudável da família e também é fonte de remédios. Esse espaço de interação social é gerenciado pelas mãos femininas. Mesmo não sendo muitas vezes valorizado pela sociedade.

Os estereótipos e os preconceitos advindos da mentalidade patriarcal e *machista* impediam que as mulheres da Floresta Nacional de Tefé participassem de outros espaços comunitários, como a escola, das reuniões e da liderança comunitária e até mesmo do próprio lazer, atividades ou lugares destinados eminentemente aos homens. No entanto esse cenário vai se transformando.

A partir do ano de 2012, uma ação conjunta entre a universidade, instituições parceiras e representantes das mulheres da Flona passou a organizar uma série de encontros formativos que deram início a um trabalho específico voltado para questões das mulheres na região. Esses encontros tiveram como objetivo provocar nas mulheres da Flona uma reflexão sobre a sua realidade social.

De acordo com Machado (2018), os encontros de formação e educação priorizaram a troca de ideias e experiências entre as mulheres participantes e as facilitadoras, tendo como foco principal a identificação e a discussão das principais dificuldades no dia a dia das mulheres extrativistas.

Ao longo dos encontros, verificou-se que as mulheres da Flona passaram a participar mais dessas atividades. A seguir, temos o registro de um dos encontros das mulheres da Flona na organização de uma das feiras realizada na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Observamos uma transformação protagonizada pelas próprias mulheres da Floresta Nacional de Tefé. Se, antes, elas estavam restritas ao âmbito do privado, os encontros e o

projeto das feiras levaram as mulheres a refletirem e a lutarem pelo direito de participar. Desse modo, passaram a compartilhar seus problemas, angústias, desejos, enfim, suas histórias de vida, marcadas pelo trabalho intenso na cozinha e na roça, pela fome, pobreza, opressão e violência provindos da mentalidade patriarcal e machista. De acordo com Machado (2018), foi-se percebendo, através da lista de presença do encontro e das intervenções em espaços como conselhos representativos, o aumento da participação e o envolvimento das mulheres nos encontros de pesquisa e formação em que os temas e o local de cada reunião eram escolhidos por elas.

Esses espaços eram ocasiões em que as mulheres se sentiam à vontade para falar sobre diversos assuntos, bem como sobre os problemas enfrentados na comunidade. Podemos afirmar que tais momentos tornavam real o ideal de participação. “Dessa forma, a participação significa comunicar, efeito de participar, abrindo um mundo de possibilidades para a descoberta de seus direitos, aprendendo sobre o mundo de diversas formas” (MACHADO, 2018, p. 19).

Os encontros de formação e educação e o projeto das feiras contribuíram nesse processo de tomada de consciência e emancipação das mulheres da Flona. No entanto, é importante ressaltar os muitos focos de resistência histórica protagonizados por essas mulheres dentro do lar e da comunidade. Como vimos anteriormente, as mulheres da Floresta Nacional de Tefé, mesmo no ambiente da roça e nos cuidados da casa, exerceram e exercem um papel fundamental para a manutenção da família, bem como da comunidade.

Os encontros e as feiras proporcionaram o despertar da consciência de luta coletiva pelos direitos, bem como por melhores condições de vida. Nesse sentido, essa vivência de troca e a partilha e a organização nas diversas comunidades da Flona se tornaram instrumentos eficientes dessa conscientização e desse empoderamento feminino. Se, antes, “pegar o leme”, ou seja, dirigir as canoas motorizadas era uma função realizada somente pelos homens, agora as mulheres, nas suas viagens, assumiam o leme e a direção das embarcações. Em outras palavras, as mulheres passaram a ser protagonistas sociais ativas na construção da sua cidadania dentro do ambiente comunitário. Em relação à participação das mulheres da Flona, Machado observa que:

A participação das mulheres, que antes era apenas na cozinha, nas assembleias e associações já se estende além das plenárias e decisões, vemos também assumindo cargos da diretoria e conselheira. No lugar de discursos tímidos, hoje enxergamos mulheres articuladas, programando-se coletivamente e tomando decisões importantes dentro das comunidades e qualificando suas vidas pela participação. (MACHADO, 2018, p. 28).

Nesse sentido, sentir-se parte da comunidade para as mulheres da Flona só se tornou realidade quando elas passaram a ter o direito de participar. Como vimos, esse direito não foi outorgado, mas foi conquistado por meio de muitas lutas, assim como os direitos das mulheres no Brasil. A partir dessa conquista, as mulheres da Floresta Nacional de Tefé

passaram a exercer um protagonismo que sempre esteve presente, mas que era negligenciado pelo pensamento patriarcal e machista, reprodutor de preconceitos e injustiças sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, o estudo sobre as mulheres da Floresta Nacional de Tefé nos insere nas reflexões sobre o As mulheres no Brasil e na Amazônia.

Essa mentalidade é responsável pela negação dos direitos fundamentais à sobrevivência das mulheres que, incansáveis, resistem e lutam pela promoção e pela concretização desses direitos nos espaços políticos da sociedade brasileira. Mas não somente nos espaços políticos. Também no ambiente comunitário e familiar se constata que as mulheres estão, da mesma forma, sofrendo com um processo de inferiorização, que as priva de exercerem plenamente seu protagonismo e sua cidadania.

Mesmo nesse cenário tão adverso cheio de violências e violações de direitos, diante desse cenário de exploração as mulheres têm resistido e promovido lutas pela concretização de sua autonomia e protagonismo. Os direitos conquistados ao longo da história não foram outorgados, mas foram fruto dessas lutas que continuam em tempos atuais, na medida em que presenciamos um cenário de negligência, exploração e desrespeito em relação às mulheres.

A conquista na medida em que as mulheres passaram não apenas a participar desses espaços, mas a estar à frente das associações, comunidades e projetos, como verdadeiras líderes e gestoras qualificadas e competentes. As feiras agroecológicas realizadas em parceria com as instituições e a sociedade civil local se configuraram como um espaço de troca de saberes e de concretização do protagonismo das mulheres da Flona, bem como de todas as outras que, em tempos atuais, insistem na luta e na conquista do direito de participar desses espaços públicos e exercerem plenamente sua cidadania.

O grande interesse teórico desse trabalho de pesquisa, em qualificação, é de compreender esse movimento feito por essas mulheres que lutam pelo seu protagonismo dentro da comunidade, que não se contentam somente com o trabalho na roça, com os cuidados da casa e com a criação de seus filhos. As mulheres da Flona, apesar de muitas não terem frequentado a escola, têm uma sabedoria da floresta que nenhuma Universidade poderia proporcionar. E são esses valores e conhecimentos tradicionais que as tornam uma protagonista das Floresta.

Palavras-chave: Protagonismo feminino. Feiras agroecológicas. Participação. Emancipação feminina.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960^a

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante: 2019

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante: 2021

MACHADO, Rita de Cássia Fraga; STRECK, Danilo Romeu (Orgs). **Participação: interfaces do Norte ao Sul do Brasil**. [e-book]. São Leopoldo: Karywa, 2018.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. **É na roça e na cozinha, assim que ‘nóis vivi’**. Trabalho e educação das mulheres agroextrativistas da Flona de Tefé (AM) – Primeiras aproximações. **Somalu**, ano 2013, n. 1, jan./jun. 2013.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. **Participação comunitária: a promoção da segurança e liberdade**. In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; Streck, Danilo Romeu (Orgs). **Participação: interfaces do Norte ao Sul do Brasil**. [e-book]. São Leopoldo: Karywa, 2018.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga; BALBINO, Luyandria Farias; OLER, Juliana Rodrigues. **Feiras agroecológicas: mulheres amazônicas fortalecendo trocas e saberes**. **Revista Ed. Popular**, Uberlândia-MG, v. 20 n.2, p. 307-319, maio/ago. 2021.